

FICHA TÉCNICA

Título original: *Escape from Mr. Lemoncello's Library*

Autor: *Chris Grabenstein*

Text copyright © 2013 by Chris Grabenstein

Edição portuguesa publicada por acordo com Random House
Children's Books, uma divisão de Penguin Random House LLC.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria José Figueiredo*

Revisão: *Gabriela Varino/Editorial Presença*

Composição: *A. Sena*

Impressão e acabamento: *Multitipo - Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 422395/17

1.ª edição, Lisboa, abril, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para Jeanette P. Myers, já falecida,
e para todos os outros bibliotecários que nos ajudam
a encontrar tudo aquilo de que andamos à procura.*



Vou contar-vos como foi que o Kyle Keeley ficou uma semana de castigo.

Primeiro, meteu-se pelo meio do roseiral da mãe, para encurtar caminho.

É verdade que ficou todo picado. Mas, depois de ter atravessado uns quantos espinheiros e esmagado uma série de petúnias, conseguiu uma vantagem de cinco segundos sobre o Mike, o irmão mais velho.

Tanto o Kyle como o irmão mais velho sabiam perfeitamente onde estava aquilo de que precisavam para ganhar o jogo: dentro de casa!

O Kyle já tinha encontrado a pinha que lhe permitia concluir a volta no «exterior». E tinha quase a certeza de que o Mike apanhara a «flor amarela». Bolas, estavam em junho; o que mais havia eram dentes-de-leão.

— Desiste já, Kyle! — gritou o Mike quando o apanhou no carreiro de acesso a casa. — Não tens hipótese nenhuma.

O Mike passou por ele a grande velocidade e entrou em casa à frente dele, eliminando o avanço que o Kyle conseguira.

«Como seria de esperar.»

O Mike Keeley tinha dezassete anos e era um verdadeiro atleta, uma estrela da equipa de futebol da escola. De futebol, de basquete e de beisebol. O Mike Keeley era bom em tudo o que metesse bola.

O Kyle, que tinha doze anos, não era estrela de coisa nenhuma.

O Curtis, o outro irmão do Kyle, ainda estava preso no quintal do vizinho, a tentar desembaraçar-se do cão. O Curtis era o mais esperto dos Keeleys. Mas a carta de «exterior» que *lhe* tinha calhado fora a sempre lamentável «Brinquedo do Cão do Vizinho». A verdade é que qualquer carta que tivesse que ver com cães era basicamente equivalente a uma derrota.

E se querem saber por que razão os três irmãos Keeley andavam a correr pelo quarteirão que nem uns loucos num domingo à tarde, a apanhar uma série de coisas disparatadas, a resposta é: a culpa foi da mãe, que lhes disse:

— Olhem lá, se não têm nada que fazer, vão jogar um jogo!

Ouvindo isto, o Kyle foi ao quatinho da cave e desenterrou um dos seus favoritos de sempre: a Caça ao Tesouro do Lixo, Interior e Exterior, do Sr. Lemoncello. O jogo tinha sido um enorme sucesso, mas a verdade é que o Sr. Lemoncello era um mestre na arte de inventar jogos. O Kyle e os irmãos tinham-no jogado tantas vezes quando eram mais novos, que a mãe se vira obrigada a escrever para a editora do Sr. Lemoncello, a pedir que lhes mandassem outro baralho de cartas. E as cartas que lhes mandaram traziam uma série de tesouros novos que os jogadores

tinham de procurar, tipo «umas cuecas descaídas de um adulto», «um prato sujo», «uma casca de banana podre».

(No final do jogo, quem perdia tinha de voltar a pôr os tesouros exatamente onde os tinha encontrado. Tratava-se de uma regra oficial do jogo, que estava escrita no interior da tampa da caixa, o que fazia com que fosse ainda mais importante ganhar!)

Enquanto o Curtis continuava no quintal ao lado, a tentar conseguir convencer o *dobermann* do vizinho, o *Twinky*, a emprestar-lhe o seu brinquedo favorito, o Kyle e o Mike andavam ambos à procura das mesmas coisas, porque a última carta era comum a todos os jogadores.

A tarefa desse dia — uma carta que o Kyle nunca tinha visto — era fácilíssima.

PROCURA DUAS MOEDAS DE 2002 CUJA SOMA SEJA 30 CÊNTIMOS, E UMA DELAS NÃO PODE SER DE 10 CÊNTIMOS.

Da-a. A resposta era uma moeda de 20 cêntimos e outra de 10, porque a carta dizia que *uma* delas não podia ser de 10 cêntimos — mas a outra podia.

Para ganhar, o Kyle tinha portanto de encontrar uma moeda de 20 cêntimos e uma moeda de 10 cêntimos, ambas de 2002.

Era fácil.

O pai tinha uma garrafa de bagaço vazia cheia de trocos em cima da banca de trabalho, na oficina da cave, e era para lá que o Kyle e o Mike se dirigiam a correr, a ver quem chegava primeiro.

O Mike entrou em casa a grande velocidade.

O Kyle sorriu.

Adorava jogar estes jogos com os irmãos mais velhos, porque era a única hipótese que tinha de lhes ganhar fosse ao que fosse. Os jogos de tabuleiro punham-nos os três ao mesmo nível. Era preciso que os dados rolassem de feição

ou ter sorte às cartas, mas depois, se a pessoa fosse esperta, se as coisas lhe corressesem bem, e se desse tudo o que tinha, qualquer um podia ganhar.

Em especial hoje, que o Mike tinha perdido a dianteira pelo facto de ter optado pela via habitual para a cave: entrar pela porta da frente, avançar para a parte de trás da casa, descer a escada e correr para a oficina do pai.

Pelo contrário, o Kyle tencionava recorrer a um atalho.

Saltou por cima de uns arbustos frondosos e abriu com o pé a janelinha da cave, que ficava mesmo a rasar o chão. Sentiu qualquer coisa a estalar quando atingiu o vidro da janela com o ténis, mas não tinha tempo para se preocupar com isso: tinha de chegar primeiro que o irmão.

Deitou-se na terra, meteu-se pela abertura e foi pousar no chão da cave. Correu para a banca de trabalho do pai, agarrou na garrafa de bagaço, espalhou as moedas sobre a banca e começou a procurar freneticamente pelas centenas de moedas de 10, 20 e 50 cêntimos.

Bingo!

Encontrou rapidamente uma moeda de 10 cêntimos de 2002 e meteu-a no bolso da camisa, espalhando mais as moedas de 10, 20 e 50 cêntimos pelo chão. Depois pôs-se à procura de uma de 20 cêntimos. 2010. 2003. 2008.

— Vá lá, vá lá! — protestou baixinho.

A porta da cave abriu-se com estrondo.

— Mas como é que...? — começou o Mike, ao ver que ele tinha chegado primeiro à garrafa das moedas.

O Mike ajoelhou-se e começou também à procura das moedas de que precisava, mas nessa altura o Kyle gritou:

— Achei! — e mostrou-lhe uma moeda de 20 cêntimos de 2002.

— E a de 10 cêntimos? — quis saber o Mike.

O Kyle tirou-a do bolso da camisa.

— Entraste pela janela? — perguntou uma voz vinda de fora.

Era o Curtis, que estava ajoelhado no canteiro.

— Entrei — respondeu o Kyle.

— Eu ia fazer a mesma coisa. A distância mais curta entre dois pontos é uma reta.

— Não acredito que me ganhaste! — exclamou o Mike num tom de queixa, porque não estava habituado a perder *fosse ao que fosse*.

— Pois é, maninho — respondeu o Kyle, levantando-se com uma expressão ligeiramente gabarola —, mas o melhor é acreditares mesmo. Porque agora vocês, seus *falhados*, vão ter de ir pôr os tesouros onde eles estavam.

— Eu *recuso-me* a ir devolver isto ao *Twinky!* — declarou o Curtis, mostrando um pedaço de corda muito roída e cheia de nós.

— Ai vais, vais — replicou o Kyle. — Porque *perdeste*. Já sei que *pensaste* em entrar pela janela...

— Hum, Kyle — interrompeu-o o Curtis a meia-voz. — Talvez seja melhor calares-te.

— O quê? Ouve lá, Curtis, não tenhas mau perder. Eu é que resolvi cortar caminho, e meti dentro a janela e...

— Ai foste tu, Kyle?

Tinha aparecido outra cara à janela.

Era o pai dos três rapazes.

— Eh, eh, eh — ouviu o Kyle atrás de si. Era o Mike.

— Foste tu que partiste o vidro? — O pai não parecia nada satisfeito. — Pois agora adivinha lá quem vai ter de trabalhar para substituir a janela.

E foi assim que o Kyle Keeley teve um corte de 50 centimos na semana até ao final do ano.

E ficou de castigo durante uma semana.